

ROSA VARELA GOMES

CERÂMICAS MUÇULMANAS,
ORIENTAIS E ORIENTALIZANTES,
DO CASTELO DE SILVES

(peças esmaltadas, policromas e de reflexo metálico)

INSTITUTO ORIENTAL

LISBOA • 1991

Cerâmicas muçulmanas, orientais e orientalizantes, do Castelo de Silves

(peças esmaltadas, policromas e de reflexo metálico)

por Rosa Varela Gomes*

1. Introdução

A intervenção arqueológica no Castelo de Silves¹ proporcionou o reconhecimento de importante sucessão estratigráfica, com seis níveis diferentes, do período muçulmano, que incluía estruturas e camadas arqueológicas datadas entre o século VIII e o século XIII (FIG. 1).

Distinguiu-se, naquele conjunto, os restos de uma habitação, almoada, que corresponde à última ocupação reconhecida, e que, por tal facto, foi mais escavada (FIG. 2). Esta edificação foi construída de modo a manter certo distanciamento do pano de muralha que ali cerca o Castelo e localiza-se nas proximidades do *aljibe* (FIG. 3). É, também, contemporânea dos principais dispositivos defensivos que, ainda, se conservam em Silves, nomeadamente das muralhas da alcáçova e da medina, das torres albarrãs e de um monumental poço-cisterna que estaria próximo do *hamman*.

* Arqueóloga. Investigadora do Instituto Oriental.

¹ Parte dos resultados obtidos naquelas escavações, nos anos de 1984 a 1987, foram já publicados na tese de Mestrado, em História da Arte, orientada pelo Professor Doutor Artur Nobre de Gusmão, que apresentámos na Universidade Nova de Lisboa (Gomes 1988).

Os restos da vivenda identificada mostram, por ora, uma sala de entrada, com pequeno anexo, cozinha, instalações sanitárias e parte de um pátio central, revestido por lajes ou terra batida, com areia e cal (FIG. 4). Sob os pavimentos, daquelas divisões, pusemos à vista um importante sistema de canalizações. Na entrada da habitação exumámos um esqueleto humano, com uma ponta de virote entre as costelas da região lombar esquerda, jazendo insepulto sob um nível de derrubes e de terras queimadas que, do mesmo modo, cobriam os materiais ali recolhidos (FIG. 5). Destes devemos referir, além da chave da porta de entrada na casa, a existência, neste mesmo compartimento, de, pelo menos, duas grandes talhas, estampilhadas com motivos como o onagro (FIG. 6), elementos arquitectónicos, florais e bandas epigrafadas (FIG. 7), dois queimadores de essências e bonitas peças esmaltadas (FIG. 8). No compartimento que julgamos ser a cozinha eram abundantes as cerâmicas comuns, tanto fabricadas com pastas claras como vermelhas e castanhas. Este espólio compreende, ainda, dois diremes quadrados, sendo um deles cunhado em Córdova. No interior das canalizações, possivelmente utilizadas como esconderijo pelos últimos ocupantes muçulmanos da alcáçova, descobrimos uma âmbula de vidro, inteira, uma pulseira de bronze e um anel de prata. As grandes áreas queimadas detectadas dentro da casa, os derrubes das estruturas, o esqueleto humano demonstrando morte violenta, as numerosas pontas de virote que encontrámos, assim como a disposição das peças de vidro e de cerâmica, evidenciam um abandono, imediato e precipitado, do local e a sua destruição sob os desmoronamentos, durante a conquista cristã definitiva da cidade, em 1248, por D. Paio Peres Correia.

Das casas anteriores à que acabámos de referir conhece-se, por ora, muito pouco, pois as suas estruturas foram sendo, em parte, destruídas e, em alguns casos, reaproveitadas para, sobre elas, se construírem novas habitações. Mas, entre estas sucessivas ocupações foram deixados ou esquecidos muitos objectos constituindo numeroso espólio, como um raro numisma de Fernando III de Leão, cunhado na Corunha à volta de 1187, recolhido sobre o pavimento da casa do século XII. Uma pequena placa de marfim oferecendo, num lado, a representação de uma fêmea de veado e, no outro, uma ave de rapina, é por nós atribuída à escola cordovesa e foi descoberta no nível do século X. No entanto, de todos os materiais exumados são as cerâmicas que constituem o grupo mais numeroso e, embora fragmentadas, permitem estudar a sua evolução cronoestilística.

O único estrato para o qual não possuímos estruturas que integrassem os artefactos recolhidos pertence ao início da ocupação, muçulmana, deste arqueossítio, datada no século VIII, dispendo de confirmação crono-

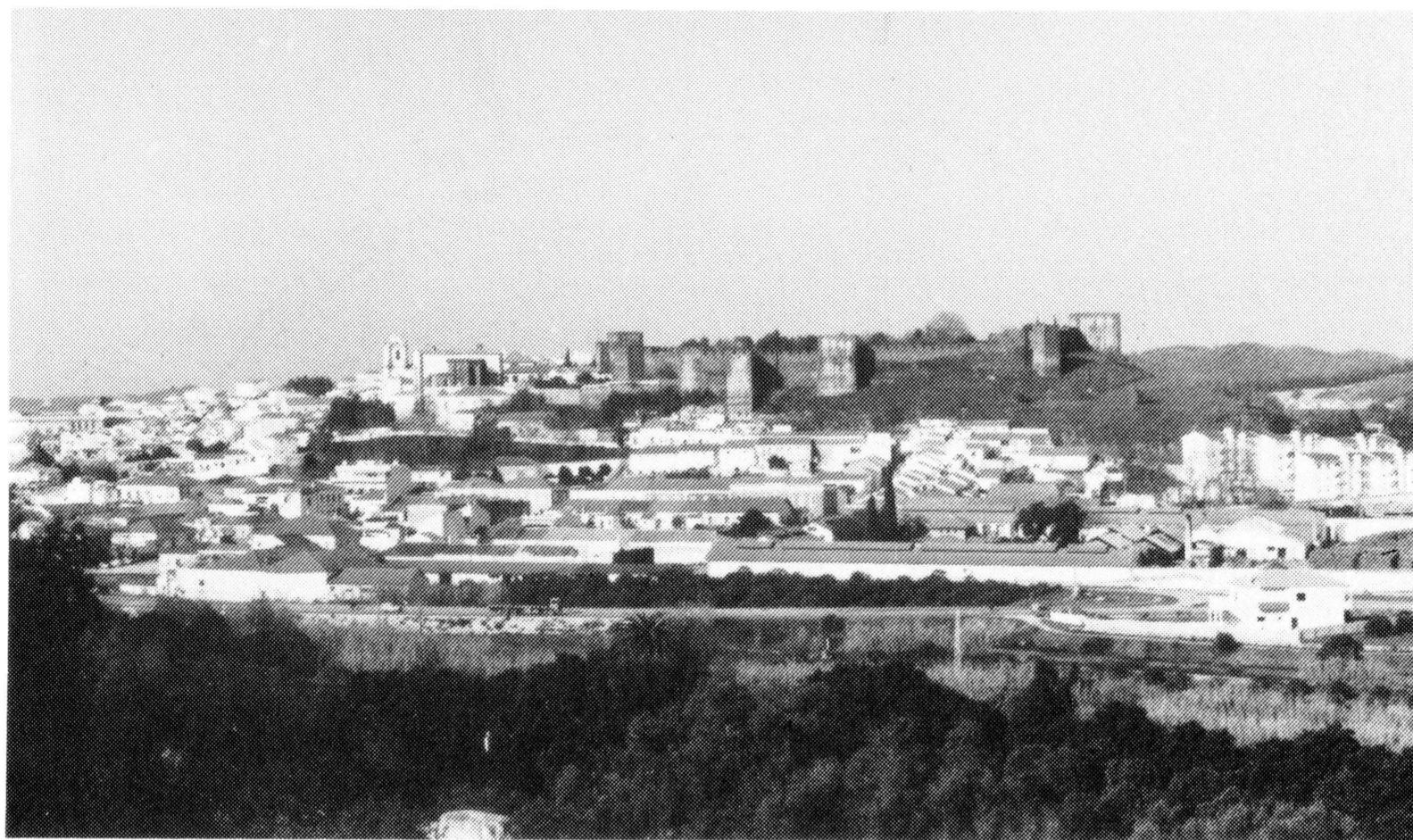


FIG. 1. Cidade de Silves. Vista de nascente. (Foto M.V. GOMES).



FIG. 2. Habitação almoada vendo-se, em particular, o vestíbulo. (Foto M.V. GOMES).

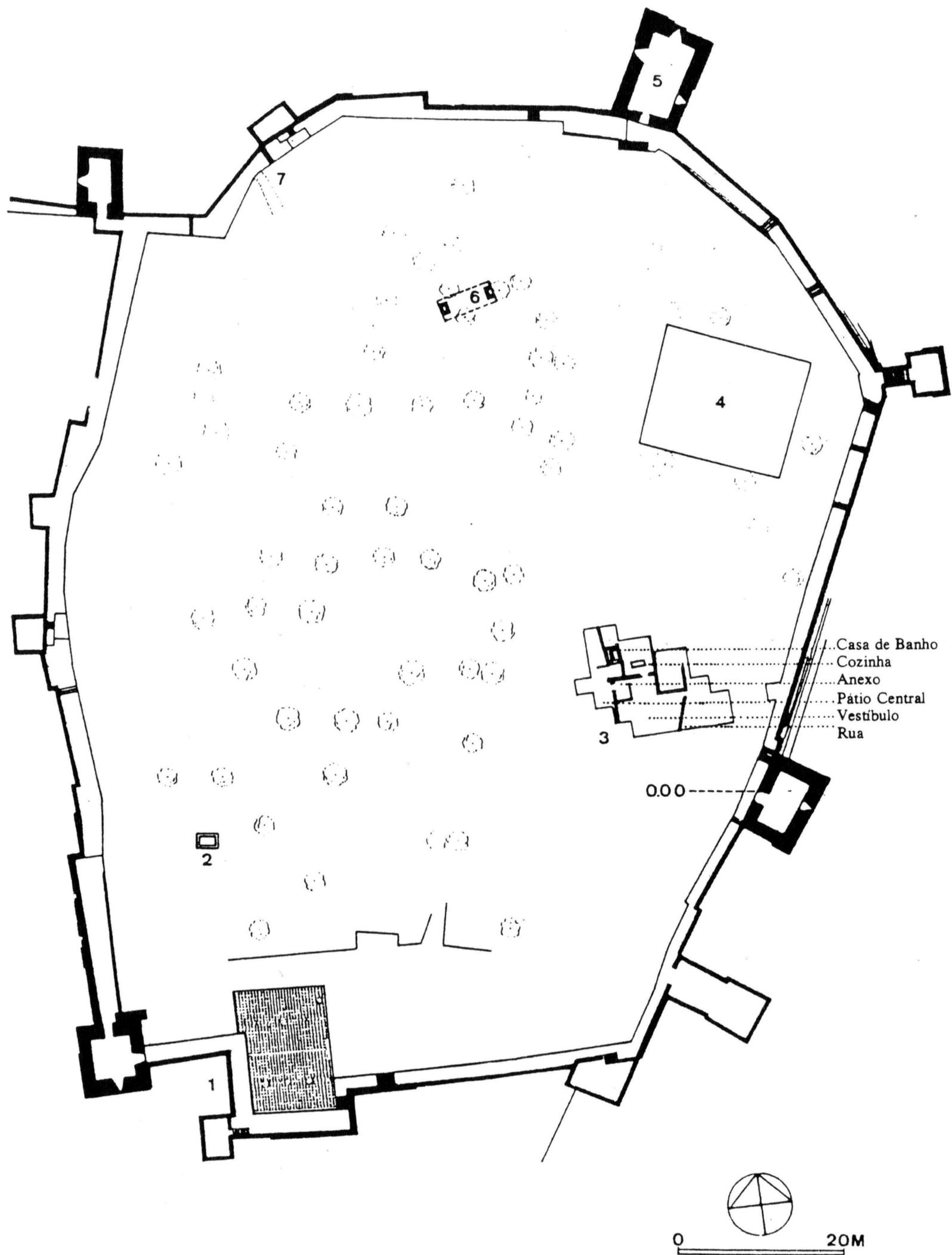


FIG. 3. Integração da habitação almoada no interior da alcáçova de Silves. 1 - Porta principal; 2 - «Cisterna dos Cães»; 3 - Área escavada; 4 - Aljibe; 5 - Torre *Celouquia*; 6 - Silos; 7 - «Porta da Traição».



FIG. 4. Interior da habitação na área correspondente ao átrio de entrada, com pequeno anexo, e instalações sanitárias (século XIII). (Foto M.V. GOMES).

lógica, através de uma datação de 14 C , em redor a 780. Verificámos, na última campanha de trabalhos, que aquela camada é o resultado de entulhos vários, utilizados no nivelamento que regularizou uma zona de declive da encosta onde se ergue a alcáçova, criando-se uma esplanada e possibilitando a construção das edificações ulteriores, dos séculos IX e X.

As cerâmicas exumadas no estrato mais antigo oferecem distintas proveniências. Assim, detectaram-se peças com origem peninsular, de tradição tardo-romana ou visigótico-bizantina, outras de produção local, ou regional, mas já de influência muçulmana, e, em menor número, as cerâmicas importadas. Muitas destas oferecem as superfícies esmaltadas a branco, com decoração policroma nas cores verde e manganês. Nas camadas seguintes as cerâmicas importadas constituem, ainda, uma pequena percentagem em relação às de fabricação hispânica, momento em que quase desaparecem os contributos culturais autóctones e se desenvolvem os norte-africanos e orientais.



FIG. 5. Esqueleto humano, insepulto, sobre o pavimento do átrio de entrada da casa almoada.
(Foto M.V. GOMES).



FIG. 6. Onagros, estampilhados, dispostos em série na parede de uma talha (século XIII).
(Foto M.V. GOMES).



FIG. 7. Elemento arquitectónico, utilizado na decoração de um fragmento de talha (século XIII).
(Foto M.V. GOMES).

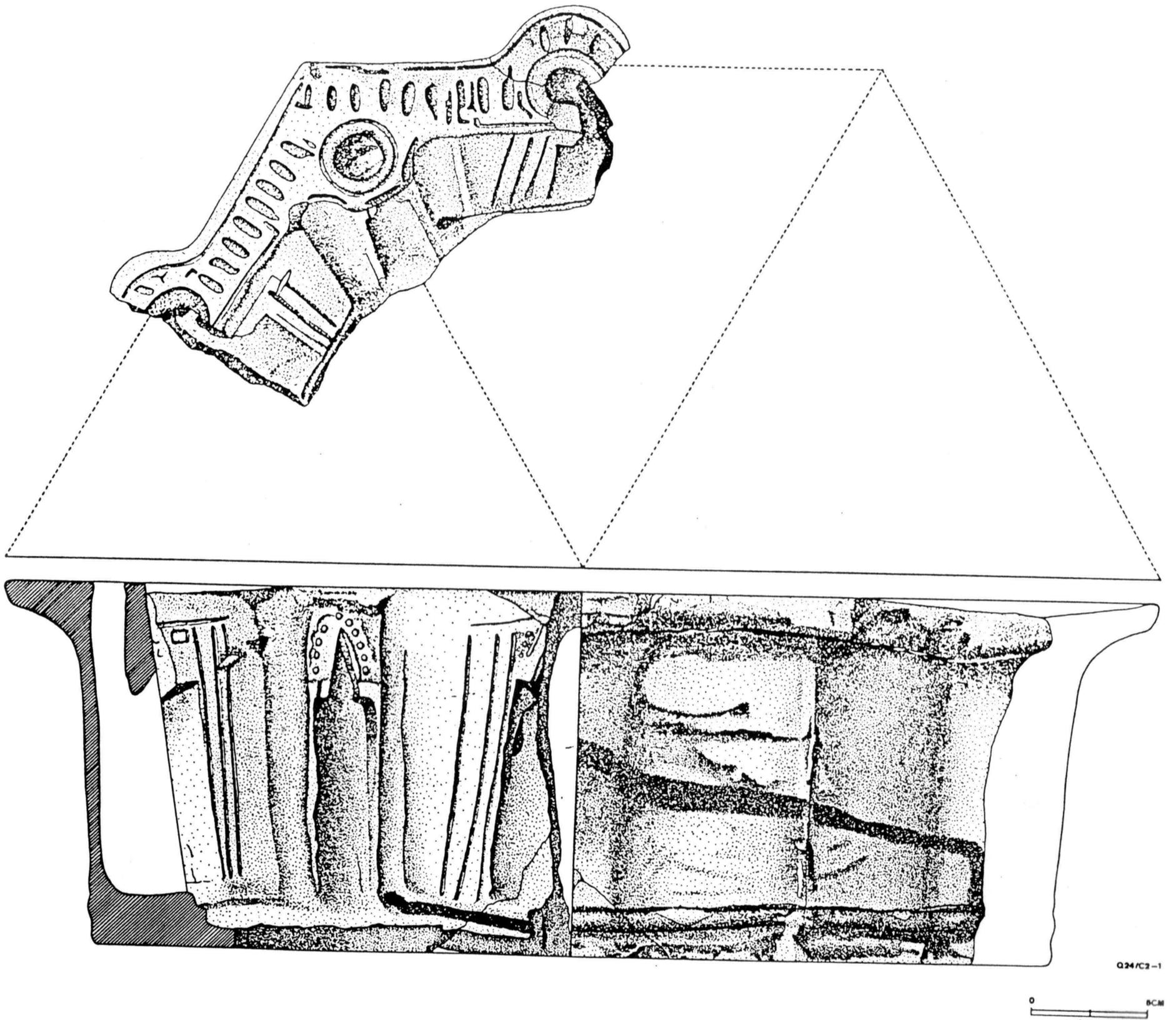


FIG. 8. Parte de queimador de essências vendo-se, no interior, decoração arquitectónica (século XIII).
(Des. de ANA MACHADO).

2. As cerâmicas esmaltadas com decoração policroma.

2.1. As cerâmicas do século VIII.

As mais antigas produções esmaltadas, decoradas a verde e manganês, do Castelo de Silves foram recolhidas, como já referimos, na base da sucessão estratigráfica identificada e atribuídas ao século VIII.

Todos os fragmentos exumados pertencem a taças. Estas, foram fabricadas com pastas de cores rosadas e beges, muito bem depuradas, contendo elementos não plásticos imperceptíveis. Somente três exemplares (Q3/ C8-20; Q3/ C8-21; Q3/ C8-40) possuem núcleo de cor cinzenta acastanhada. As superfícies oferecem esmalte branco aderente, em alguns casos muito brilhante, com decoração a verde e negro (FIG. 9). Mostram formas abertas, de perfil quase hemisférico, e apenas duas peças têm carena baixa, algo acusada (Q3/ C8-40; Q3/ C8-42). Os bordos apresentam as seguintes variantes: espessados e ligeiramente biselados no exterior; espessados e extrovertidos; espessados e demarcados exteriormente; extrovertidos, demarcados exteriormente, e com o lábio de perfil semicircular (FIGS. 10 e 11). Os fundos são planos ou convexos (Q3/ C8-39; Q3/ C8-40), assentam num pé, baixo e em anel, que tem uma ligeira inclinação oblíqua, nos dois lados, ou rebordo exterior como também se observa numa das peças (Q3/ C8-39).

A decoração foi efectuada, unicamente, na superfície interior e os motivos são os seguintes: pingos de cor verde (Q3/ C8-14); manchas de cor negra (Q3/ C8-26; Q3/ C8-27); pingos e linhas, escorridas, de cor verde e negra (Q3/ C8-21) ou, apenas, desta última cor (Q3/ C8-18). Possuímos, também, motivos mais completos, como a representação de um cordão composto por dois cabos, contornados a negro, sinusoidais e entrelaçados, com o interior de cor verde (Q3/ C8-19); uma palmeta ladeada por elementos fitomórficos, de cor turquesa, contornada a negro (Q3/ C8-20); um motivo fitomórfico a negro (Q3/ C8-41) ou uma composição mais elaborada, a verde e negro (Q3/ C8-42). Nestas mesmas cores foram desenhados bolbos de lótus (Q3/ C8-1; Q3/ C8-40), com os vértices voltados para o bordo da peça, rodeados de folhagem, intercalando bolbos com o corpo subdividido, em gomos, com outros contendo o corpo segmentado por retícula. Num outro exemplar os bolbos de lótus, com os vértices voltados para o fundo da taça, alternam com pétalas. No interior de outra peça foi pintado, em tons de verde e negro, um possível motivo zoomórfico (Q3/ C8-39) que, ainda,

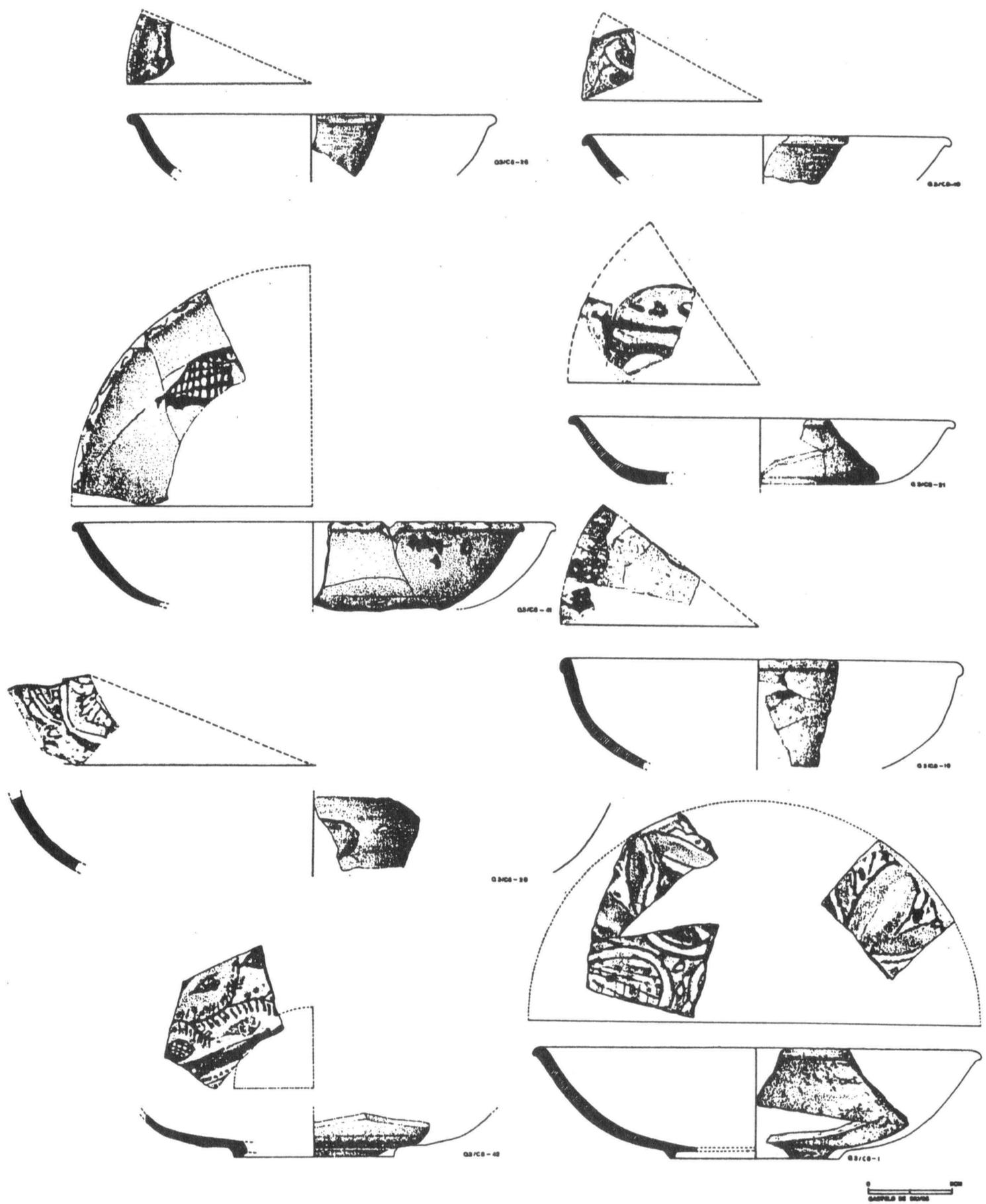


FIG. 9. Peças esmaltadas, com decoração policroma (século VIII). (Des. de SÍLVIA DE FREITAS).

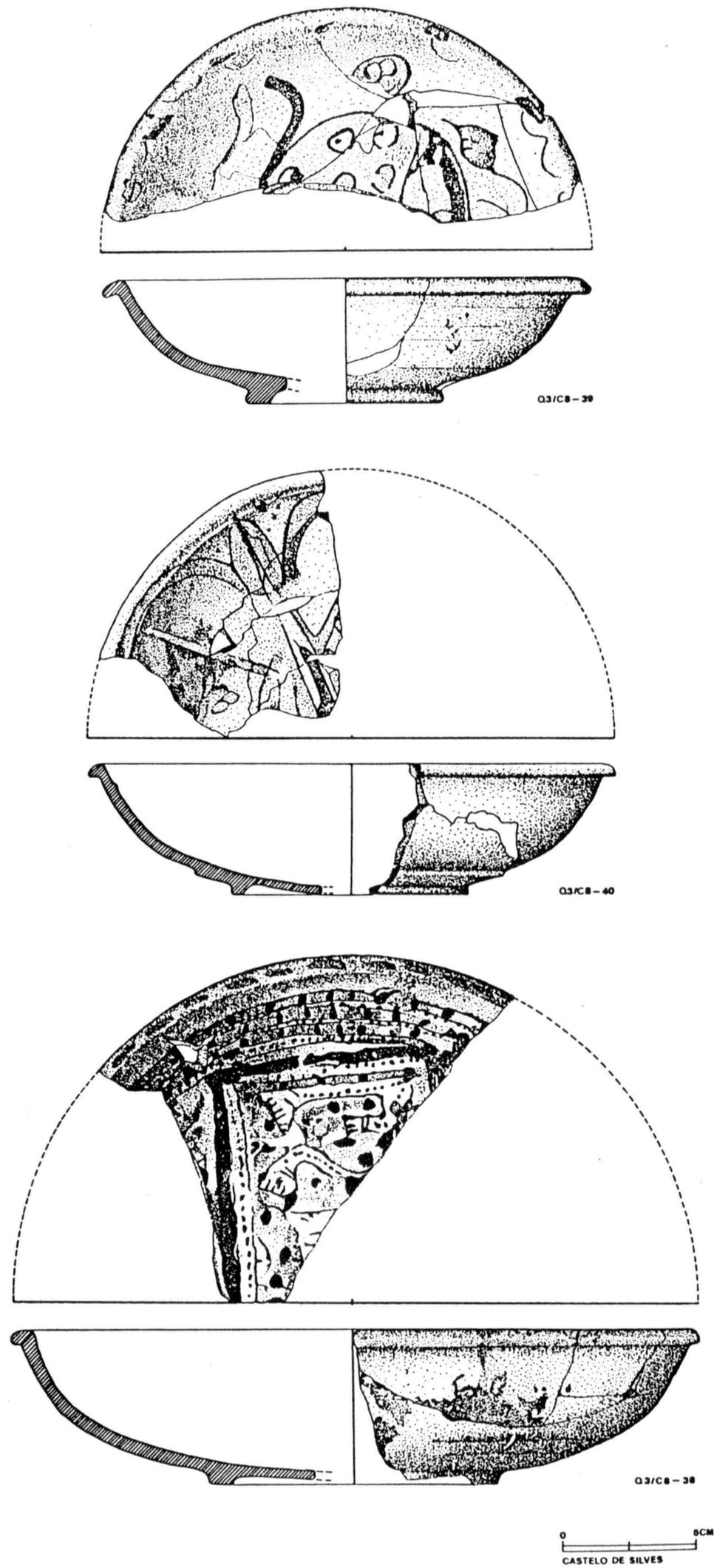


FIG. 10. Taças com decoração zoomórfica (?), fitomórfica e epigráfica (século VIII).
(Des. de ANA MACHADO).

não permitiu identificação. Com estas mesmas cores foi elaborada uma banda epigráfica, que ocupa o centro de uma taça (Q3/ C8-38), rodeada por linhas concêntricas preenchidas por ponteados, talvez imitando estreitas cartelas onde se inseriam frases (FIG. 10).

Alguns destes recipientes mostram, pintados sobre o bordo, semi-círculos de cor negra (Q3/ C8-39; Q3/ C8-41), ou pequenas manchas, espaçadas, de cor verde (Q3/ C8-38).

Desconhecem-se paralelos peninsulares para as peças que acabámos de referir, mesmo em exemplares tardo-romanos que, em certos casos, apresentam pé baixo, com anel, mas têm diferente abertura nas paredes e, especialmente, bordos de forma desigual. Deste modo, as cerâmicas de Silves devem ter sido importadas e os seus possíveis paralelos, ou protótipos, encontrar-se-ão em contextos orientais. Registe-se que aquelas são, por ora, as primeiras produções esmaltadas e policromas, descobertas na Península, a serem atribuídas no século VIII (FIG. 12). As taças que temos vindo a tratar, com formas abertas e bordos espessados ou extrovertidos, encontram semelhanças em peças chinesas, usuais na dinastia Tang, em particular no reinado de Tchong-Tsong (684), sendo conhecidos exemplares recolhidos em sepulturas perto de Xi'an (província de Xiangue-su) (Beurdeley e Beurdeley 1974, 102). É provável que algumas destas peças tenham sido produzidas nos fornos de Tongguan em Changsha (província de Hunan), onde eram fabricadas taças com pé em anel (huan) ou sem pé (wan) (Watson 1984, 84), podendo ter constituído os modelos das produções islâmicas referidas.

As trocas comerciais entre as civilizações do Mediterrâneo Oriental e a China são remotas, existindo referências escritas destas, pelo menos, desde o século I. Os seus percursos coincidem com as antigas rotas das especiarias e da seda (Mollat du Jardin e Desanges 1989, 109, 118). Neste tráfico participaram populações que se converteram, posteriormente, ao islamismo. A presença de fragmentos de cerâmica chinesa em contextos muçulmanos recuados, do Médio Oriente (Soustiel 1985, 37), confirmam não só como estas peças eram apreciadas mas o intenso relacionamento comercial de então.

A rota da seda, que permitia um contacto directo entre o mundo muçulmano oriental e a China, teve grande incremento na dinastia Sui, em especial com o segundo imperador Yangdi (605-616), e, ulteriormente, com os primeiros governantes da dinastia Tang. Devido a este facto, no século VIII viviam, segundo os textos, comerciantes árabes no porto de Guanzzhou; a partir do qual se exportava cerâmica esmaltada a branco, produzida na província de Hunan (Charleston 1971, 47; Watson 1984, 11, 12, 226, 246).

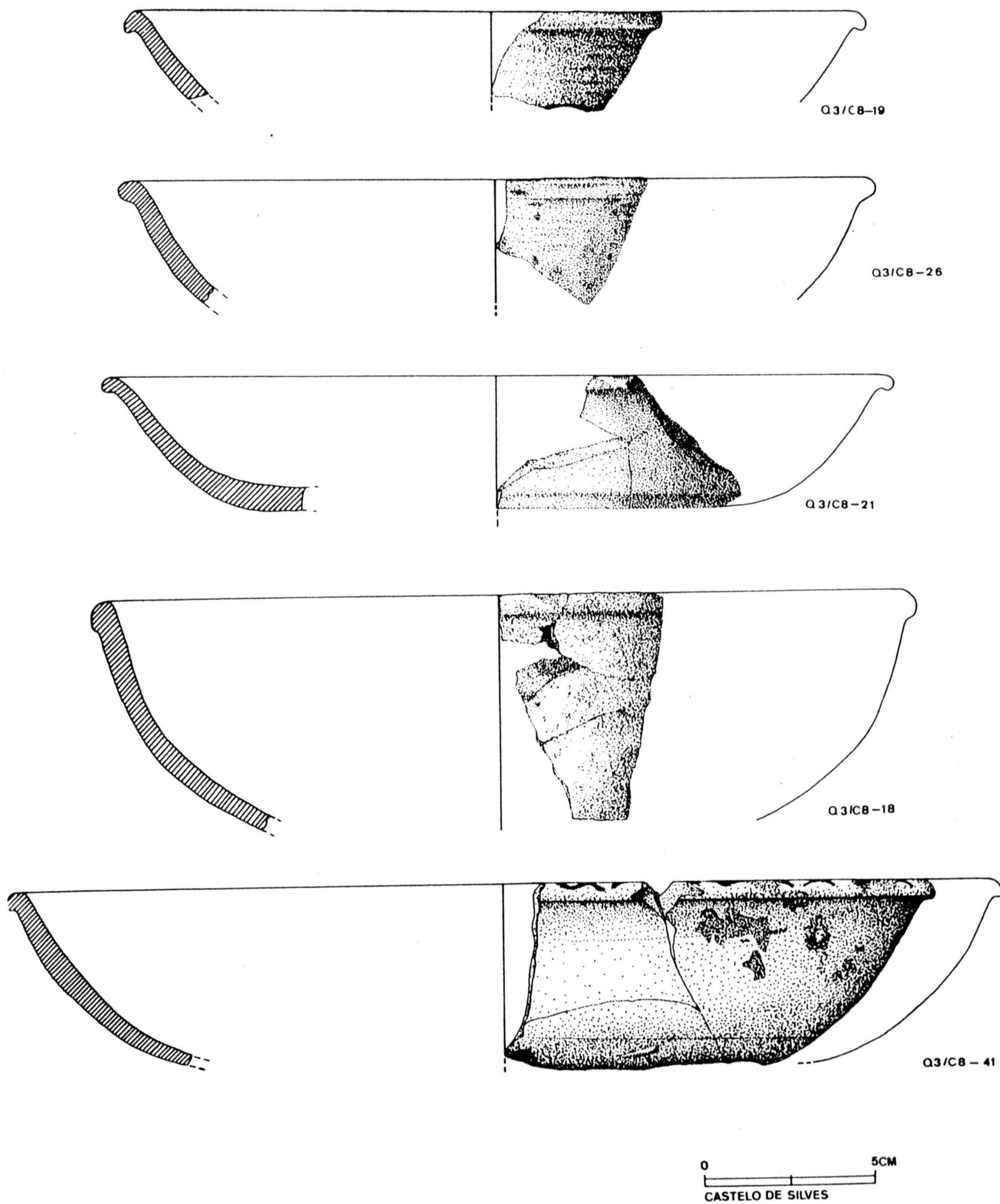


FIG. 11. Formas dos perfis das taças da camada 8 (século VIII). (Des. de SÍLVIA DE FREITAS).

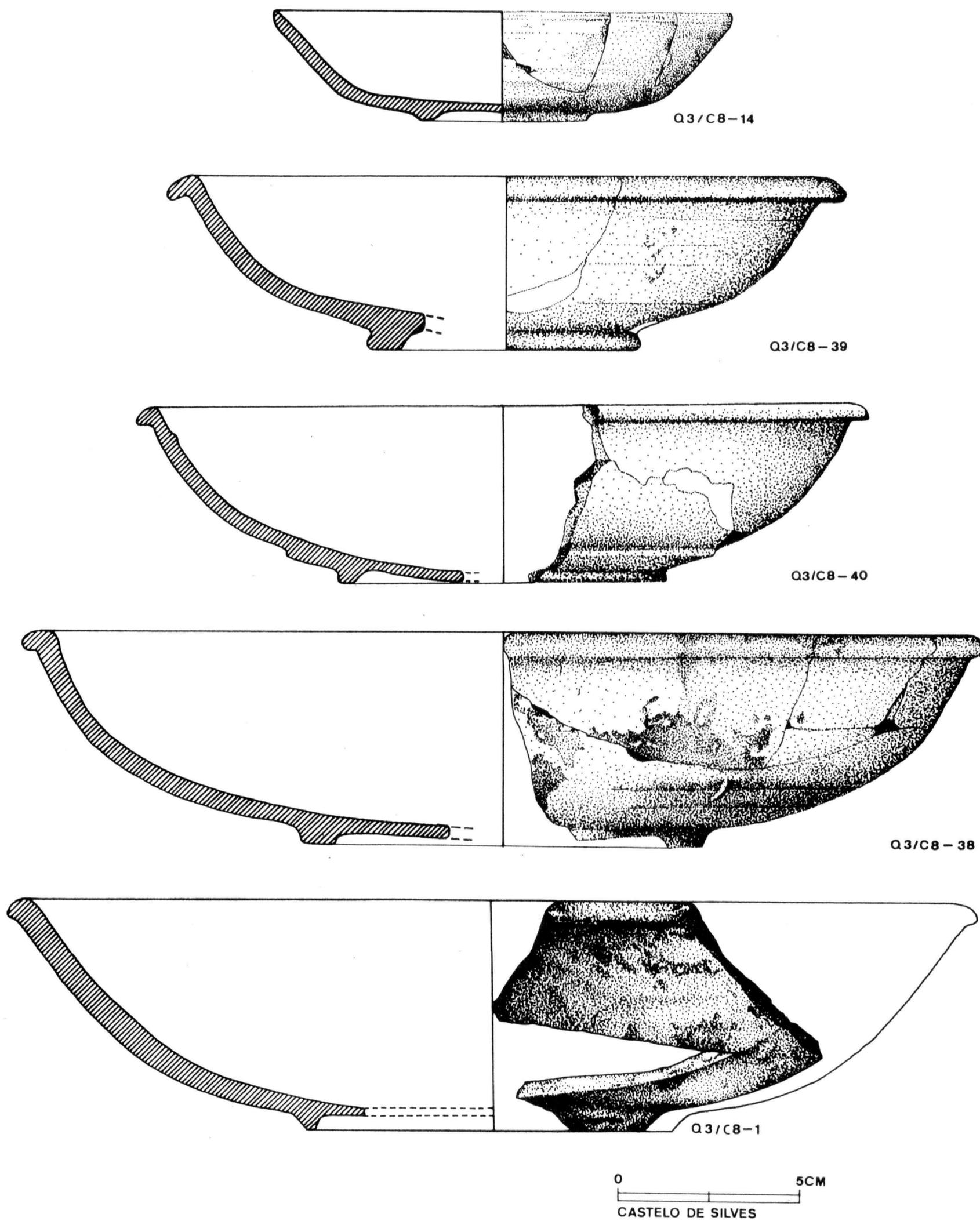


FIG. 12. Catálogo das principais formas de taças, com decoração policroma, do século VIII.
(Des. de SÍLVIA DE FREITAS).

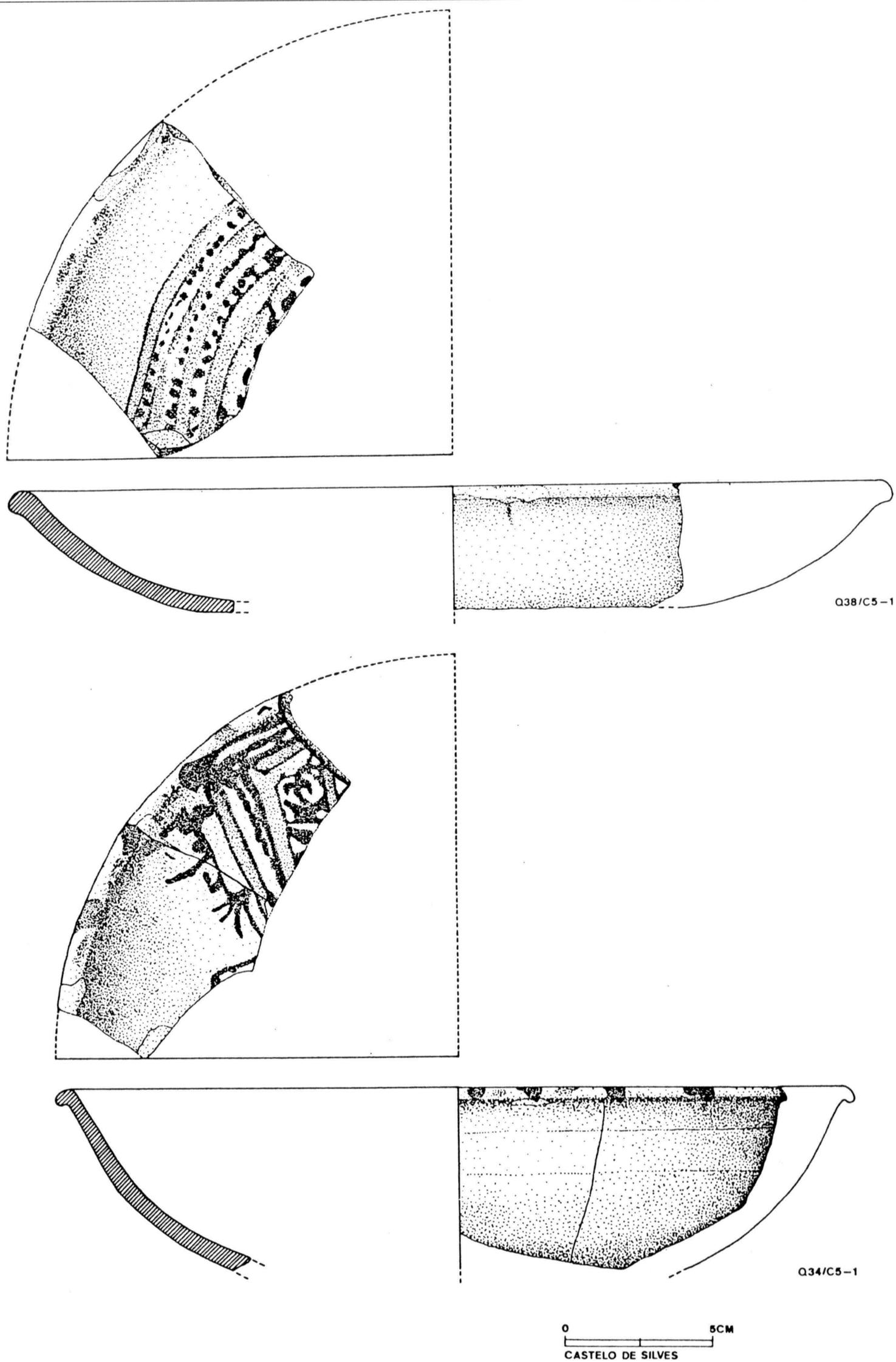


FIG. 13. Dois dos fragmentos de taças, com decoração policroma, atribuídas ao século X (camada 5). (Des. de ANA MACHADO).

Apesar do vidrado ser uma técnica conhecida, desde o IV milénio a.C., pelos antigos egípcios (Lane 1958, 8), com pouca divulgação no período romano, não se sabe quando se iniciou a sua utilização sobre uma superfície previamente engobada de modo a produzir o esmalte. Contudo, as mais recuadas loiças esmaltadas, a branco (xing), que conhecemos datam do século VI e foram fabricadas, no Norte da China, na região de Qiaocunyii (Watson 1984, 50, 58).

Os motivos decorativos representados nas peças do Castelo de Silves, nomeadamente aqueles que mostram linhas, escorridas, de cor negra (Q3/ C8-26; Q3/ C8-27) e, em especial, pingos, de cor verde (Q3/ C8-14), encontram paralelos no Irão, em produções esmaltadas a branco, com decoração em relevo, classificadas nos séculos VIII-IX (Charleston 1979, Fig. 3). De igual modo, cerâmicas ornadas com pingos e linhas escorridas, aplicadas muitas vezes sobre engobe branco, foram produzidas, durante pouco tempo, na China, mais precisamente na época Tang, entre 680 e 750, tendo-se, apenas, continuado a utilizar este tipo de decoração no norte daquele território, até ao século X (Beurdeley e Beurdeley 1974, 86; Charleston 1979, 44, 45).

O tema da flor de lótus, que vimos pintado em duas taças do Castelo de Silves é, de facto, um motivo recorrente, representado em peças de índole religiosa na Índia e na China tendo sido, como símbolo da pureza e eternidade da vida, muito divulgado pelo comércio fenício em toda a Bacia Mediterrânea (Gomes 1988, 171). É, ainda, o símbolo da harmonia cósmica e da prosperidade apresentando, normalmente, oito pétalas que significam as oito direcções universais.

A decoração com motivos semicirculares, pintada a negro, sobre o bordo de duas taças, parece-nos que poderá ser atribuída a influências sassânidas, por certo reproduzindo vasilhas, de prata, onde se observa idêntica ornamentação, mas contendo bustos humanos (Harper e Meyers 1981, 27). Estas peças que podem, de certo modo, ter servido de protótipo para as cerâmicas referidas, estão datadas entre 630 e 637, altura em que aquela civilização é conquistada pelo Islão e o seu monarca, Yazdgerd III com considerável comitiva, se refugiou na China (Beurdeley e Beurdeley 1974, 83; Watson 1984, 12).

Os paralelos indicados no Irão e, em especial, no que respeita ao território Chinês, são os actualmente disponíveis, dado que em relação às produções cerâmicas do Médio e Próximo Oriente, durante os séculos VII e VIII, de origem muçulmana, bizantina, sassânida ou mesmo egípcia, pouco ou nada se conhece.

Apesar das pastas, e tratamento das superfícies, das cerâmicas chinesas se diferenciarem das produções muçulmanas encontradas em Silves, estas revelam aquela importante influência, que as formas e as decorações parecem comprovar. A não existirem contactos directos entre a China e a Península Ibérica, a lógica indica a necessidade de centros produtores, do século VIII, no Próximo Oriente, responsáveis pelas cerâmicas esmaltadas e policromas descobertas em Silves.

2.2. *As cerâmicas do século X.*

Na camada correspondente ao século IX não exumámos, até agora, cerâmicas esmaltadas com decoração policroma. Destas possuímos, apenas, quatro fragmentos, da camada 5, que atribuímos ao século X. Pertencem a taças que mostram pastas de cores rosadas e acinzentadas, contendo elementos não plásticos de grão finíssimo. Somente um exemplar (Q10/ C5-4) tem núcleo de cor acinzentada. As superfícies oferecem esmalte, aderente e pouco brilhante, de cor branca (Q34/ C5-1), ou algo esverdeada (Q10/ C5-3; Q10/ C5-4), e uma das peças tem esmalte de má qualidade e sem brilho (Q38/ C5-1).

Apresentam formas abertas, com bordos espessados exteriormente ou extrovertidos. Nenhum destes exemplares tem porção do fundo ou do pé (FIG. 13).

A decoração foi efectuada na superfície interior e consta de semi-círculos entrecruzados, pintados a negro (Q10/ C5-4) e, nesta mesma cor, foram elaboradas na parede de outra taça (Q10/ C5-3) três linhas concêntricas, duas delas acompanhadas por ponteados, em série, da mesma cor. Um exemplar (Q38/ C5-1), exhibe quatro bandas, concêntricas, pintadas a verde e delimitadas a negro; cor utilizada num ponteados, em série, que as acompanha. Sobre o bordo tem, ainda, manchas espaçadas de cor verde. Em outra peça (Q34/ C5-1) a decoração é mais elaborada, sendo composta por duas bandas, rectangulares, pintadas a verde e delimitadas a negro por linhas, escorridas, desta mesma cor; ao centro existe, possivelmente, uma faixa pseudoepigrafada da qual resta pequena parte.

O fragmento de taça (Q10/ C5-4) que mostra as superfícies esmaltadas, de cor branca, com decoração a negro formada por semicírculos entrecruzados, sobre o bordo, encontra paralelos em Cervera (Madrid), Valência, e, especialmente, nas produções de Medina Elvira. As taças desta oficina,

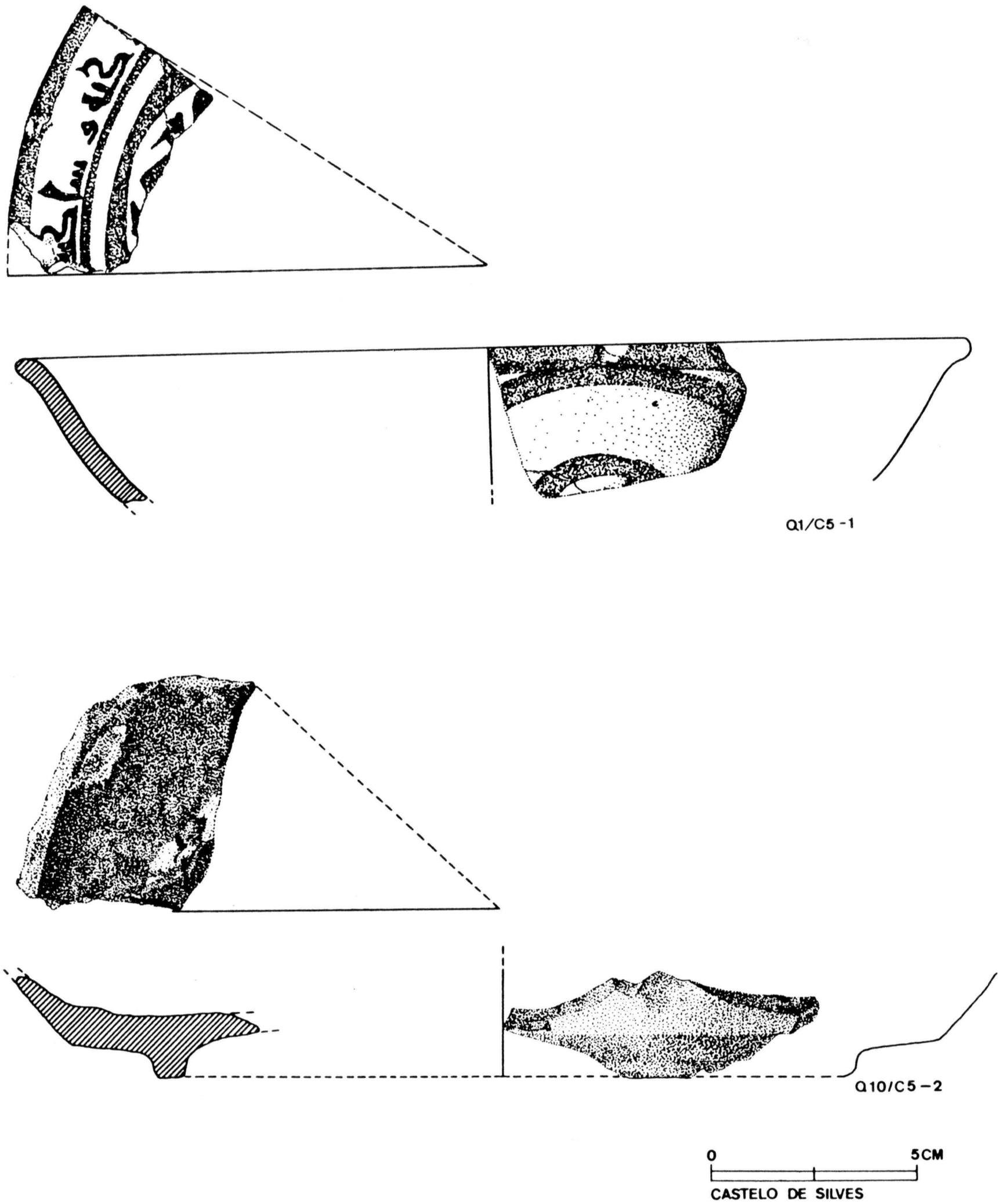


FIG. 14. Os mais antigos fragmentos decorados a reflexo metálico (camada 5).
(Des. de SÍLVIA DE FREITAS).

datadas no século X, podem apresentar o interior dos semicírculos, junto ao bordo, preenchido com manchas, normalmente, em tons de verde (Bazzana 1983, fig. 27; Gómez-Moreno 1951, 317; Retuerce e Zozaya 1986, 104, fig. 21-5 e 7).

Na camada mais antiga do Castelo de Silves tínhamos encontrado dois fragmentos (Q3/ C8-39; Q3/ C8-41) decorados com semicírculos pintados, a negro, sobre o bordo. É provável que este motivo seja o, possível, protótipo da ornamentação que vimos na peça atribuída ao século X (Q10/ C5-4).

O fragmento de taça (Q38/ C5-1) com decoração de bandas concêntricas, pintadas a verde e contornadas a negro, acompanhadas por ponteados, tem analogias formais e decorativas num exemplar recolhido na fortificação, muçulmana, de Mesa de Setefilla (Sevilha) onde aquela temática é associada à representação de um animal e atribuída ao século X (Kirchner i Granell 1985, 151, fig. 4, est. 2). Encontramos ornamentação em bandas, acompanhadas por ponteados, sobre o bordo de um jarro, decorado com a técnica da corda seca, proveniente de Maiorca, datado por Rosselló-Bordoy como sendo do século X (Retuerce e Zozaya 1986, 214, fig. 38-7; Rosselló-Bordoy 1978, fig. 64). Um fragmento de cerâmica de Catalifa (Madrid), com a mesma cronologia, mostra, de igual modo, faixas pintadas embora sem o característico ponteados (Retuerce e Zozaya 1986, 113, fig. 28-10).

Um possível modelo para o tema representado na taça de Silves pode ser observado em exemplar (Q3/ C8-38), proveniente da C8 (século VIII), do mesmo arqueossítio. Este mostra, em relação à peça do século X, uma melhor qualidade de fabrico, que pode ser observada tanto na pasta como no esmalte e, até, na boa fixação das tintas empregues.

O motivo decorativo com banda rectangular e faixa pseudoepigrafada (Q34/ C5-1), por ora incompleto, não tem paralelos directos no Al-Andalus. No entanto, existem na Península, atribuídas ao século X, taças com decoração epigráfica recolhidas em Medinat-az-Zahra (Córdova), Valência, Sagunto e Gormaz (Bazzana 1983, fig. 33; Maldonado 1972, fig. 5; Retuerce e Zozaya 1986, 101, figs. 5-15). A utilização da epigrafia, como decoração, em peças cerâmicas, deverá ter proveniência exógena, pois foi no Oriente que detectámos peças esmaltadas, com decoração policroma, onde se observa aquele tema. Em Tureng Tepe (Irão) foram exumados alguns exemplares, no período VII C, datados do século IX (Boucharlat, Lecomte *et alii* 1987, 153, fig. 30c, est. 151a).

É provável que as taças esmaltadas do Castelo de Silves, com decoração policroma, sejam produções peninsulares, provenientes de um ou mais centros andaluzes, seguindo modelos orientais ou, mesmo, reproduzindo, em alguns casos, formas e decorações anteriores.

3. As cerâmicas com decoração de reflexo metálico.

Recolhemos em toda a escavação, apenas, cinco fragmentos que oferecem decoração de reflexo metálico, respectivamente na camada 5, correspondente ao século X, e na camada 2, datada como sendo dos séculos XII e XIII.

3.1. *Os testemunhos mais antigos (C5).*

Possuímos dois fragmentos de taças, um com porção do bordo (Q1/ C5-1) e o outro (Q10/ C5-2) com parte do fundo e do pé onde se reconhecem pinturas de reflexo metálico (FIG. 14). Ambos mostram pastas de cor bege, bem depuradas, contendo elementos não plásticos imperceptíveis. Um deles (Q1/ C5-1) apresenta as superfícies com esmalte, de muito boa qualidade, aderente e brilhante, de cor branca, decoradas, nos dois lados, com pinturas de reflexo metálico em tom dourado. A superfície interna oferece parte de uma inscrição em caracteres cúficos, inserida numa cartela, delimitada por duas linhas paralelas; uma destas linhas contorna o lábio da peça. Observa-se, ainda, restos de um motivo que, possivelmente, formaria ornamentação floral integrada num grande círculo, também paralelo ao bordo da taça. A superfície externa mostra dois segmentos de círculos, concêntricos, dourados.

O outro fragmento (Q10/ C5-2) tem porção da carena, fundo e pé, baixo, em anel. A superfície interna apresenta esmalte de cor negra, bem fixado, e com brilho metálico. A superfície externa não foi esmaltada e oferece tom ligeiramente mais escuro que o da pasta.

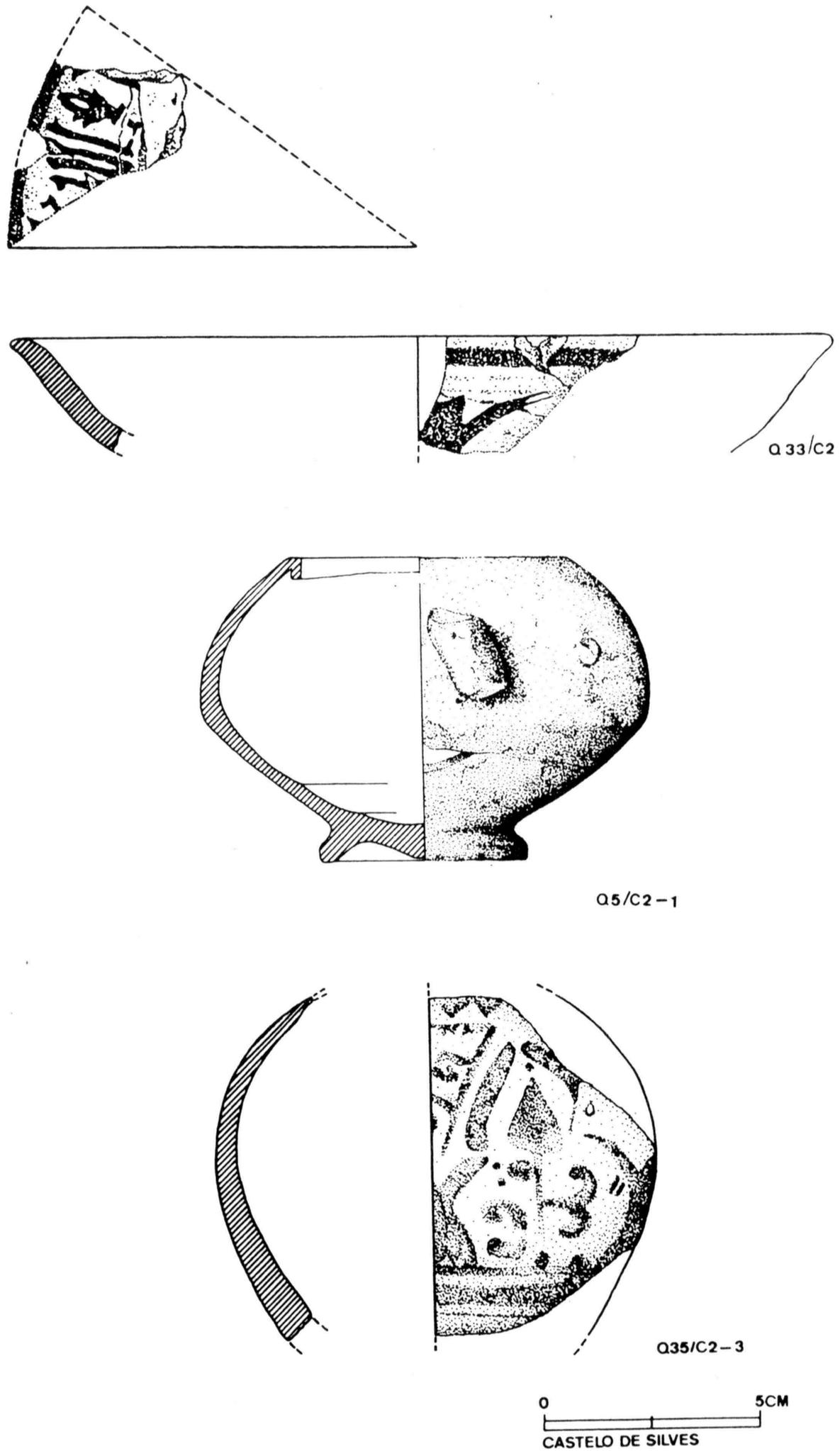


FIG. 15. Cerâmicas com decoração de reflexo metálico (camada 2).
(Des de SÍLVIA DE FREITAS e ANA MACHADO).

Cerâmicas atribuídas ao século X que utilizam, como efeito decorativo, a técnica do reflexo metálico e faixas epigrafadas junto ao bordo, como vimos num dos exemplares do Castelo de Silves (Q15/ C5-1), são escassas na Península. Podemos, no entanto, referir a sua existência, nomeadamente em Medinat-az-Zahra (Córdova), onde Lévi-Provençal e Torre Balbás (1982, 780) as consideram como importações orientais. Embora os fragmentos contendo bandas epigrafadas, mencionados por aqueles autores, estejam rodeados por motivos decorativos, semelhantes aos representados nas peças por eles publicadas, são, de facto, muito diferentes do exemplar de Silves. Pensamos, que os fragmentos, de Medinat-az-Zahra, citados têm paralelos em produções das oficinas de Samarra, onde as mais antigas pinturas, de reflexo metálico mostrando faixas epigrafadas, apresentam idêntico traço largo e quase gestual.

A banda epigrafada da peça de Silves encontra paralelos num fragmento de taça, hoje no Museu Benaki de Atenas, de proveniência egípcia, datada do século X (Philon 1980, 55, fig. 116, est. V), mas de cor verde e manganês que mostra, também, uma inscrição sobre fundo esmaltado a branco.

A produção peninsular de cerâmicas com decoração de reflexo metálico, e boa qualidade de fabrico, só se deve ter iniciado nos finais do século X e distingue-se, particularmente, porque, apenas, mostra ornamentação na superfície interior. Como vimos, o exemplar de Silves apresenta pinturas nas duas superfícies o que aliado, ainda, à sua alta qualidade de fabrico nos conduz a classificá-lo como importado. Devido à inscrição, que conforme mencionámos é em caracteres cúficos e aos restantes factos apontados, podemos atribuí-lo às produções de Fustat, no Egipto, e à época da dinastia Fatimida.

A taça (Q10/ C5-2), da qual possuímos porção do pé, encontra paralelos formais numa peça congénere, esmaltada, proveniente de Córdova e que se guarda no Museu Arqueológico daquela cidade (Lévi-Provençal e Torres Balbás 1982, fig. 652), assim como numa outra publicada por Zozaya (1980, fig. 7c), ambas datadas no século X. Aliás, a cor do brilho metálico da taça de Silves parece-nos ser consequência do seu sobre-aquecimento em ambiente redutor, necessário ao fabrico do reflexo metálico, podendo ter conduzido à fixação do negro de fumo na superfície do esmalte.

3.2. *As produções dos séculos XII e XIII.*

As peças com decoração dourada limitam-se a um fragmento com porção do bordo, extrovertido, pertencente a uma taça (Q33/ C2-3); a cerca de um terço de um pequeno pote (Q5/ C2-1), com bordo introvertido (lábio plano onde assentaria a tampa), uma carena, a meia altura, e pé em anel; tendo sido recolhido, ainda, parte da parede de um outro pequeno pote (Q35/ C2-3) (FIG. 15). Mostram pastas bem depuradas, contendo elementos não plásticos de grão imperceptível, de cor bege clara na primeira peça referida, de tom rosado na segunda, sendo algo acinzentada no último fragmento. A taça mostra as superfícies com esmalte de muito boa qualidade, aderente e brilhante, de cor branca ligeiramente azulada, e decoração de reflexo metálico de tom ouro. No interior, apresenta parte de uma inscrição, em caracteres cúficos, cujas palavras ou frases estão separadas por um bolbo de lótus. Sobre esta composição, demarcando-a do bordo, vê-se uma linha, na mesma cor. A superfície exterior oferece parte de um motivo fitomórfico, de forma aberta e traçado gestual. Um dos pequenos potes (Q5/ C2-1) apresenta esmalte, aderente e brilhante, de cor branca e decoração a reflexo metálico de tom acobreado na superfície exterior, constituída por duas linhas, uma junto ao bordo e a outra na separação entre a parede e o pé.

Na terceira peça, as duas superfícies têm esmalte aderente, mas pouco brilhante, de cor creme e somente a superfície exterior está decorada com reflexo metálico, de tom dourado, exibindo palmetas, integradas em cartela delimitada na parte superior por linha formada por pequenos triângulos, e na interior por linhas horizontais paralelas.

O bolbo que intercala com temas epigrafados, representado no interior do primeiro fragmento (Q33/ C2-3), é semelhante a outros pintados, de igual modo, no interior de taças, recolhidas nas escavações de Hama (Síria), atribuídas às oficinas de Raqqa e ao século XII (Riis e Poulsen 1957, 163, figs. 503, 504).

A decoração com palmetas pintadas no exterior do pequeno pote (Q35/ C2-3) de Silves pode ser observada, também, sobre o bojo de peça idêntica, de proveniência egípcia, hoje no Museu Victoria and Albert em Londres, classificada como produção fatimida da primeira metade do século XII (Lane 1959, est. 24; Martí 1944, 335, fig. 417). Foram desenhadas palmetas na parede interior de uma taça, proveniente do Irão, datada, igualmente, nos inícios do século XII e que se encontra no Museu do Louvre,

em Paris (Bernus-Taylor *et alii* 1989, 30, fig. 5). Podemos, ainda, detectar este mesmo tipo de palmetas, mas dispostas em bandas estampilhadas, no exterior de fragmentos de talhas recolhidas, no nível 2 do Castelo de Silves. Considerámos aqueles recipientes como sendo produções almoadas (Gomes 1988, 124) e, possivelmente, de fabricação peninsular. Contudo, dado os paralelos encontrados, parece provável que o pequeno pote referido seja uma importação egípcia. Só análises das pastas, e comparações com as das peças cuja proveniência original se conheça, poderão, no futuro, certificar, ou não, as atribuições agora propostas.

As palmetas, como elemento decorativo, foram muito divulgadas no mundo muçulmano dos séculos XII e XIII, não só nas cerâmicas mas, do mesmo modo, em objectos de madeira e na própria arquitectura (Cardenal 1978, 243, 246, est. VIII; Gomes 1988, 142; Maldonado 1981, 125, figs. XXII. 13, 14). São símbolos com largo espectro que abrangem os conceitos de vitória, ascensão, regeneração e de imortalidade.

4. Integração cultural.

4.1. As peças que estudámos, tanto as que oferecem as superfícies esmaltadas com decoração policroma, como com reflexos metálicos, constituem uma pequena percentagem do espólio cerâmico exumado no Castelo de Silves (variando, conforme as camadas, entre 0,7 % e 6 %).

Constatámos que as taças, com decoração policroma, exumadas no nível mais antigo (século VIII) são importadas. Por outro lado, os fragmentos recolhidos sobre os pavimentos da habitação califal (século X) serão de produção peninsular, tal como outros exemplares atribuídos à mesma época, provenientes, nomeadamente, de Maiorca, Medinat-az-Zahra, Elvira e Múrcia (Palazon e Avilés s/d, 258; Rosselló-Bordoy 1978, 99, 100, 144; Zozaya 1980, 272, 273, figs. 6a, 7a-c). As taças fabricadas no Al-Andalus, no século X, reproduziriam, a nosso ver, formas importadas dos séculos VIII e IX. Deste modo, podemos comparar os exemplares mais antigos do Castelo de Silves (século VIII) e um conjunto de taças, esmaltadas com decoração policroma, de clara produção ibérica, dado terem sido recolhidas no forno de cerâmica de San Nicolas em Múrcia (camada do século X), mostrando, de igualmente, formas abertas e assentes num pé, baixo, em anel (Palazon e Avilés s/d, 257, 258, 324, fig. 5).

Para além da persistência formal verifica-se, também, nas cerâmicas califais de Silves a perduração, ou a recorrência, de certos temas decorativos, dado serem comuns aos séculos VIII e X.

4.2. Observámos, tanto no nível califal como no do século XIII, que existem peças esmaltadas com decoração de reflexo metálico, claramente importadas a par de exemplares, possivelmente, de origem peninsular. Estas, segundo os textos, ter-se-ão iniciado no século X (Gómez-Moreno 1940, 385) e mantiveram-se, com grande divulgação, entre nazaries e mudéjares.

Dada a existência, no Castelo de Silves, de um fragmento (Q10/ C5-2), datado do século X, que mostra numa das superfícies esmalte com brilho metálico negro, consequência de acidente durante a cozedura da decoração a reflexo metálico, é possível que ele ilustre uma produção peninsular. Esta, poderia coincidir com o fabrico das peças esmaltadas com decoração policroma, implementada com Abd al-Rahman III, hipótese a considerar tanto mais que a utilização da decoração de reflexo metálico remonta, no Oriente, à segunda metade do século VIII (Grabar 1984, 208; Smith 1985, 26).

4.3. A qualidade dos materiais que recolhemos, no Castelo de Silves, dos quais enumerámos, somente, alguns, demonstra a existência, no local, de uma elite e intensas relações comerciais não só com o Oriente mas com outras zonas do Al-Andalus. As cerâmicas importadas, embora em menor número e oferecendo simbólica decorativa de carácter profiláctico, conferiam, de igual modo, prestígio aos seus utilizadores.

É provável que as produções peninsulares de cerâmicas esmaltadas, com técnicas decorativas sofisticadas, se tenham iniciado após a unificação do Al-Andalus sob o Califado e a estabilização, em Córdova, de uma corte requintada.

Bibliografía

- BAZZANA, A., 1983, *La Cerámica Islámica en la Ciudad de Valencia*, Ed. Ayuntamiento de Valencia, 194 pp., 50 figs., Valencia.
- BERNUS-TAYLOR, M., BITTAR, T., CHARRITAT, M., DUBOIS, S., LECLERC, A. e PELLETIER, O., 1989, *Arabesques et Jardins de Paradis*, Ed. de La Réunion des Musées Nationaux, 334 pp., Paris.
- BEURDELEY, C. e BEURDELEY, M., 1974, *La Céramique Chinoise*, Ed. Vilo, 318 pp., 159 figs., Paris.
- BOUCHARLAT, R., LECOMTE, O., GARDIN, J.C. e GYSELEN, R., 1987, *Fouilles de Tureng Tepe. 1. Les Périodes Sassanides et Islamiques*, Ed. Recherches sur les Civilisations, Mémoire n.º 74, 238 pp., 163 ests., 32 figs., Paris.
- CARDENAL, M.G., 1980, «Recherches sur la Céramique Médiévale Marocaine», *La Céramique Médiévale en Méditerranée Occidentale, X^e-XV^e siècles*, Valbonne, Ed. CNRS, pp. 227-249, XI ests., 12 figs., Paris.
- CHARLESTON, R., 1979, *Masterpieces of Western and Near Eastern Ceramics*, Ed. Kodansha, 324 pp., 120 figs., Tóquio.
- GOMES, R.V., 1988, «Cerâmicas Muçulmanas do Castelo de Silves», *Xelb*, vol. 1, 294 pp.
- GÓMEZ-MORENO, 1940, «La Loza Dorada Primitiva de Málaga», *Al-Andalus*, vol. V, fasc. 2, pp. 383-398, 21 figs.
- GÓMEZ-MORENO, M., 1951, «El Arte Árabe Español hasta los Almohades», *Ars Hispaniae*, vol. III, Editorial Plus-Ultra, 421 pp., 483 figs., Madrid.
- GRABAR, O., 1984, *La Formación del Arte Islâmico*, Ed. Cátedra, 242 pp., 131 figs., Madrid.
- HARPER, P.O. e MEYERS, P., 1981, *Silver Vessels of the Sasanian Period. Vol. I: Royal Imagery*, Ed. The Metropolitan Museum of Art, 256 pp., 8 ests., Nova Iorque.
- KIRCHNER i GRANELL, H., 1985, «Les Safes dels Estrats II i III de Shadhfilah», *Actas do I Congreso de Arqueología Medieval Española*, tomo IV, Ed. Diputación General de Aragón, pp. 148-192, 26 figs., 5 ests., Zaragoza.
- LANE, A. 1958, *Early Islamic Pottery* Faber and Faber, 52 pp., 96 ests., Londres.
- LÉVI-PROVENÇAL, E. e TORRES BALBÁS, L., 1982, «España Musulmana (711-1031), Instituciones, Sociedad, Cultura», *História de España*, tomo V, Ed. Espasa-Calpe SA., 838 pp., 664 figs., Madrid.
- MALDONADO, B.P., 1972, «La Loza Doméstica de Madinat-az-Zahra», *Al-Andalus*, vol. XXXVII, fasc. 1, pp. 191-227.
- MALDONADO, B.P., 1981, *El Arte Hispano-Musulmán en su Decoración Floral*, Ed. Instituto Hispano-Árabe de Cultura, 197 pp., 629 ests., 30 figs., Madrid.

- MARTÍ, M.G., 1944, *Cerámica del Levante Español. Siglos Medievales*, Ed. Labor, 666 pp., 751 figs., XXVIII ests., Barcelona.
- MOLLAT DU JARDIN, M. e DESANGES, J., 1989, *As Rotas Milenares*, Ed. Inapa, 305 pp., Lisboa.
- PALAZON, J.N. e AVILÉS, A.G., s/d, «Aproximación a la Cultura Material de Madinat Mursiya», *Murcia Musulmana*, Ediciones Almudi, pp. 253-350, 59 figs., Murcia.
- PHILON, H., 1980, *Early Islamic Ceramics, Ninth to Late Twelfth Centuries*, Ed. Islamic Art Publications SA, 323 pp., 645 figs., Atenas.
- RETUERCE, M. e ZOZAYA, J., 1986, «Variantes Geográficos de la Cerámica Omeya Andalusí; Los temas Decorativos», *La Ceramica Medievale nel Mediterraneo Occidentale*, Ed. All'Insegna del Giglio, pp. 68-128, Faenza.
- RIIS, P.J. e POULSEN, V., 1957, *Hama — Fouilles et Recherches de la Fondation Carlsberg, 1931-1938*, Ed. Nationalmuseet, 316 pp., 5 ests., 1123 figs., Copenhagen.
- ROSSELLÓ-BORDOY, G., 1978, *Ensayo de Sistematización de la Cerámica Árabe de Mallorca*, Ed. Diputación Provincial de Baleares, 338 pp., Palma de Maiorca.
- SMITH, A.C., 1985, *Lustre Pottery, Technique; Traditions and Innovation in Islam and the Western World*, Ed. Faber and Faber, 246 pp., 102 figs., Londres.
- SOUSTIEL, J., 1985, *La Céramique Islamique*, Éditions Vilo, 427 pp., 394 figs., Paris.
- WATSON, W., 1984, *La Céramique Tang et Liao*, Ed. Vilo, 287 pp., 306 figs., Paris.
- ZOZAYA, J., 1980, «Aperçu Général sur la Céramique Espagnole», *La Céramique Médiévale en Méditerranée Occidentale Xe-XVe siècles*, Ed. CNRS, pp. 265-296, Paris.

Separata do livro *Estudos Orientais*
II — O Legado Cultural de Judeus e Mouros